

Mundo



EM PROCESSO POR DIFAMAÇÃO
Trump paga fiança de R\$ 413 milhões

Caso é ligado à denúncia de jornalista contra republicano por abuso sexual



ASSISTÊNCIA PERIGOSA

Pacotes de comida lançados de avião em Gaza matam 5 e ressaltam limites da ajuda por ar e mar

DIÁRIO DE GAZA E HUMANITÁRIA

Avião de bombas e mísseis de Israel há cinco meses, os moradores de Gaza agora têm mais um motivo de preocupação: vinda do céu, a ajuda aérea enviada por vários países para aliviar a crise humanitária. Ontem, ao menos cinco pessoas morreram e outras dez ficaram feridas ao serem atingidas por pacotes de ajuda humanitária lançados por aviões e que caíram, sem a abertura dos paraquedas, no campo de refugiados de al-Shati, no norte do enclave. Nenhum país assumiu a responsabilidade pelo ocorrido no envio aéreo, modalidade que tem sido criticada por grupos de ajuda internacional. O acidente ocorreu um dia após o anúncio do presidente Joe Biden de que os EUA vão montar um porto flutuante na costa de Gaza para aumentar, por mar, o fluxo de ajuda humanitária, e ressaltar os limites para o incremento de assistência aos 2,3 milhões de habitantes do enclave por meios que não o terrestre.

'CAIU COMO UM FOGUETE'
Os EUA e Jordânia — que já fizeram vários lançamentos — negam relação com o episódio. Alguns dos feridos, que teriam entre 30 e 50 anos, foram transferidos para o Hospital al-Shifa e estão em estado grave, informou o chefe da emergência à CNN. Pelo menos dois meninos estavam entre os mortos, segundo a CBS News. O acidente ocorreu quando algumas remessas apresentaram problemas nos paraquedas, fazendo com que as caixas caíssem sobre as pessoas que aguardavam. Mohammed al-Ghoul disse à AFP que foi com o irmão seguir um dos paraquedas na esperança de conseguir "um pacote de farinha". — Então, de repente, o paraquedas não abriu e [o carregamento] caiu como um foguete no chão de uma das casas —

contou o homem de 50 anos. — Dez minutos depois, vi pessoas transferindo três mártires e outros feridos que estavam no terraço da casa onde os pacotes de ajuda caíram.

O gabinete de Comunicação do governo de Gaza, controlado pelo grupo terrorista Hamas desde 2007, disse que os lançamentos aéreos eram "bênéficos" e "não eram a melhor maneira de a ajuda entrar". Os EUA teriam realizado sua quarta entrega ontem, segundo relatos de uma autoridade americana à agência Reuters. Um oficial de Defesa afirmou à CBS News que uma revisão inicial indicava que o lançamento aéreo feito pelo país não era o responsável pelas mortes, mas afirmou que seria

necessária uma investigação mais aprofundada. Uma autoridade americana de alto escalão disse sob anonimato à AFP que a ajuda é "apenas uma gota no oceano" para o suprimento das necessidades em Gaza, devastada por quase cinco meses de guerra e, devido ao bloqueio israelense, com pouco acesso a comida, água, combustível e medicamentos.

Uma fonte militar da Jordânia também afirmou à AFP que o reino não estava envolvido com a queda fatal de ontem. Nos últimos dias, os EUA e a Jordânia estão entre os países que lançaram pacotes com ajuda humanitária pelo ar devido às dificuldades de acesso ao território palestino, sitiado por Israel desde 9 de outubro,

dois dias após o início da guerra desencadeada com o ataque do Hamas ao país, deixando ao menos 1.100 mortos e cerca de 240 reféns.

MISSÃO EMERGENCIAL

O anúncio das entregas aéreas foi feito por Biden há uma semana, um dia após autoridades palestinas acusarem Israel de disparar e matar 112 pessoas durante a passagem de um comboio humanitário em Gaza. Israel nega a acusação e afirma que as mortes decorrem de um tumulto, admitindo apenas disparos pontuais contra um grupo que os soldados viram como ameaça.

No Discurso sobre o Estado da União na quinta-feira, Biden anunciou que o Exército

americano vai construir um porto temporário na região costeira de Gaza. Segundo a Casa Branca, trata-se de uma "missão emergencial". O novo porto marítimo, quando concluído, constituirá uma rota adicional para a ajuda humanitária, hoje limitada a duas passagens terrestres para a parte sul de Gaza. Ele terá um pier temporário, que "fornecerá a capacidade para o trânsito diário de centenas de caminhões carregados de suprimentos" em coordenação com países da região e ONGs humanitárias, informou uma autoridade americana.

Grupos de ajuda internacional alertam que o envio de ajuda humanitária aérea e marítima é ineficaz e não substitui

adequadamente as entregas por terra em Gaza, desviando a atenção de medidas mais significativas, como pressionar Israel a levantar o cerco a Gaza. Na quinta-feira, a coordenadora de ajuda da ONU para o território palestino, Sigrid Kaag, disse que "a diversificação das rotas de suprimento por terra" ainda é a solução ideal.

— É mais fácil, mais rápido e mais barato, especialmente se soubermos que precisamos sustentar a assistência humanitária para os habitantes de Gaza por um longo período de tempo — afirmou em uma reunião do Conselho de Segurança, alegando que "o ar ou o mar não substituem o que precisamos ver chegar por terra".

POR AR, ÚLTIMO RECURSO

Destaque similar foi feito pelo Comitê Internacional de Resgate, organização humanitária com sede em Nova York, em comunicado no último sábado, no qual afirmou que os lançamentos "não são a solução para aliviar esse sofrimento e desviam o tempo e o esforço de soluções comprovadas para ajudar em grande escala".

Lançamentos aéreos geralmente são operados como último recurso por esses grupos, dados os perigos de voar sobre uma zona de conflito e os riscos para as pessoas em terra. Após cinco meses de guerra, a ONU estima que 2,2 milhões de pessoas — mais de 95% dos habitantes do enclave — estejam ameaçadas pela fome em Gaza, sobretudo no norte, onde a destruição, combates e saques tornam quase impossível o transporte de ajuda.

Segundo a Agência da ONU para os Refugiados Palestinos, quase 2,3 mil caminhões de ajuda entraram em Gaza em fevereiro, uma média de 82 veículos por dia — número é 50% menor que em janeiro. Antes do conflito, cerca de 500 caminhões entravam no enclave todos os dias. (Com AFP)



"Joguem comida, não bombas". Manifestantes americanos e israelenses diante da seção da Embaixada dos EUA em Tel Aviv: pressão por cessar-fogo em Gaza

EUA 'mascararam' remessas de armamentos a Israel

Investigações de veículos de imprensa mostraram 100 vendas secretas e 140 voos de carga após início da guerra em Gaza

WASHINGTON E TEL AVIV

Em meio a anúncios da criação de um pier para envio de ajuda humanitária a Gaza, e aos lançamentos aéreos de itens básicos ao território — que provocaram a morte de cinco pessoas ontem — surgiram detalhes sobre o escopo do apoio militar dos Estados Unidos a Israel desde o início da guerra. Segundo investigações publicadas esta semana, foi montada uma operação "sem precedentes" para o envio de armas a munícipios.

Na quarta-feira, o Washington Post revelou mais de 100 vendas secretas de armamentos, incluindo munições de precisão, bombas de pequeno calibre, mísseis de tipo

"bunker buster", capazes de penetrar camadas de concreto, armas de pequeno calibre e munição de artilharia de 155mm. Os números foram apresentados por integrantes do governo a congressistas, de forma sigilosa.

Todas as armas e munições (valores de cerca de US\$ 3,3 bilhões) em ajuda a Israel para adquirir equipamentos e serviços militares de empresas americanas, além de uma pequena parcela que pode ser destinada a compras internas. Mas em situações como a guerra em Gaza, em que o Exército israelense precisa

de armas, munições e equipamentos, são abertas linhas adicionais — oficialmente, apenas duas dessas linhas foram

aprovadas pela Casa Branca desde o dia 7 de outubro.

Contudo, como aponta o Washington Post, as outras 100 autorizações de venda foram feitas longe do escrutínio público, uma vez que seus valores ficaram abaixo de um patamar que obriga as autoridades a informarem ao Congresso. A Casa Branca afirmou ao jornal que seguiu todos os protocolos para manter os membros do Legislativo informados sobre esse tipo de ação.

Em outra reportagem, publicada anteriormente, o jornal israelense Haaretz mostrou detalhes da operação para levar todas essas armas a Israel, algo considerado sem precedentes em tempos modernos. Usando dados disponíveis ao público

em geral, como registros de voos e imagens publicadas em redes sociais, a publicação conseguiu identificar 140 decolagens de aeronaves de carga da Força Aérea dos EUA, supostamente levando equipamentos militares de bases ao redor do mundo para Israel.

VOOS DE LONGA DISTÂNCIA

A maior parte das decolagens ocorreu nas bases de Dover, nos EUA, Ramstein, na Alemanha, e al-Udeid, no Catar, onde fica baseado o Comando Central dos Estados Unidos responsável pelo Oriente Médio. Também foram identificadas viagens partindo das bases de Sigonella, na Itália, Osan e Kunsan, na Coreia do Sul, e de Guam, um estratégico território dos EUA no Pacífico.

O real escopo da pegada militar dos EUA em Israel é pouco conhecido. Em dezembro, o jornal britânico Guardian mencionou a existência de uma ampla rede de armazéns, com equipamentos americanos, espalhados ao redor do país. As instalações foram estabelecidas nos anos 1980, inicialmente pensadas em servir como linha de apoio para missões dos EUA no Oriente Médio, mas gradualmente foram feitas concessões a Israel.

Segundo documentos obtidos pelo jornal, esses depósitos guardam uma grande quantidade das chamadas "bombas burras", consideradas obsoletas pelos militares americanos. Apesar de não ha-

ver qualquer constatação de que os israelenses tiveram acesso a esse material, não deixa de chamar a atenção uma avaliação, feita pela Inteligência dos EUA e divulgada pela CNN em dezembro, de que "metade" das bombas lançadas sobre Gaza era desse tipo.

Os detalhes surgem em um momento complicado para os EUA na guerra. Ao mesmo tempo em que não dá sinais de que abandonará seu aliado, a Casa Branca eleva o tom em relação às ações israelenses em Gaza, e o presidente Joe Biden, em privado, não tem economizado nas críticas ao premier Benjamin Netanyahu.

Biden também tem uma preocupação eleitoral: setores de sua base de apoio, como os árabes-americanos, sinalizam que podem não votar nele em novembro contra Donald Trump. Os questionamentos à postura dos EUA também são cada vez mais numerosos dentro do Partido Democrata.